

CARTOGRAFIAS DA RASURA

Cartographies of Erasure
Cartografias de la Borradura

João Lúcio Dias Soares

Esquizoanalista, psicanalista.
Professor e coordenador da formação do Núcleo de Psicanálise e Práticas Institucionais – NPPI – Belo Horizonte – MG.
soares.jl@gmail.com

RESUMO

A ruptura entre o pensamento da Natureza como *physis* e o pensamento humano conduz a sofrimentos e equívocos para o homem no campo das subjetividades. Uma relação afirmativa com o *devenir*, em acordo com a proposta de Nietzsche de sabedoria dionisíaca, reconduziria o homem ao caminho da vida trágica – aquela que produz vigor ao afirmar a dor e a diferença – anulando a falsa oposição homem/natureza. Inspirados em Nietzsche, Deleuze e Guattari realizam o combate contra os fascismos do *socius*, do Estado, do capitalismo – ou seja, dos vários territórios de saberes e poderes estabelecidos – que capturam os corpos e anulam suas potências. Um instrumento para essas lutas é a produção de rasuras contrafascistas sobre as codificações do poder. A questão de como produzir para si corpos sem órgãos, como forma de escapar à organicidade do *socius*, se faz possível pelo potencial que a sensação tem de rasurar e rediagramar as cartografias das subjetividades.

Palavras-chave: rasura, cartografia, *socius*

RESUMEN

La ruptura entre el pensamiento de la naturaleza como *physis* y el pensamiento humano conduce a sufrimientos y equívocos para el hombre en el campo de las subjetividades. Una relación afirmativa con el *devenir*, en acuerdo con la propuesta de Nietzsche de *sabiduría dionisiaca*, reconduciría al hombre al camino de la vida trágica – aquella que produce vigor al afirmar el dolor y la diferencia – anulando la falsa oposición hombre/naturaleza. Inspirado en Nietzsche, Deleuze y Guattari proponen combates contra el fascismo de *socius*, del Estado, del capitalismo – es decir, de los varios territorios de saberes y poderes establecidos – que capturan los cuerpos y anulan sus potencias. Un instrumento para estas luchas es la producción de borraduras contra-fascistas sobre las codificaciones de poder. La cuestión de cómo producir por sí mismos *cuerpos sin órganos* como una forma de escapar a la organicidad del *socius*, se hace posible gracias al potencial que la sensación de borrar y redimensionar las cartografías de las subjetividades

Palabras clave: borradura, cartografía, *socius*

ABSTRACT

The rupture between the thought of nature as *physis* and human thought leads to suffering and confusion for man in the fields of subjectivity. An affirmative relationship with *becoming*, in accordance with the proposal of Nietzsche's concept of *dionysian wisdom*, might lead man once again to the path of tragic life – one that produces strength by asserting pain and difference – thus surpassing the false opposition man/nature. Inspired by Nietzsche, Deleuze and Guattari propose fighting against the fascism of the *socius*, the State, of capitalism and all the dominant discourses of established knowledge and established power that capture body and its will. An instrument for such struggle is the production of counterfascist erasures on the encodings of power. The question of how to produce *bodies without organs* as a way to escape the organic structure of the *socius* is made possible by the power of *sensation* to erase and rediagram the cartographies of subjectivity.

erasure, cartography, *socius*

Keywords: erasure, cartography, *socius*



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Julho - Dezembro, 2016
Nº 22 - Volume II
ISSN 2175 -3709

“Nós sonhamos com outras coisas, mais clandestinas e mais alegres.”

Gilles Deleuze

Quando Deleuze e Guattari propõem a intrigante questão da *geologia da moral* – quem a terra pensa que é – apresentam-nos a sua filosofia telúrica: o pensamento no ser humano é produto das próprias misturas no planeta. Entre todos os desdobramentos de encontros materiais encontra-se também a capacidade de subjetividade do homem, inseparavelmente: seus afetos e ideias. É surpreendente, a partir de tal perspectiva, constatar o ressentimento e a contrariedade que o próprio homem sente frente a essas bases materiais, podendo mesmo chegar ao ponto de não mais se reconhecer como parte da *natureza*. Em resumo, a terra pensa; ao pensar, produz o homem e seu pensamento; e o homem se ressent da forma, nele, da terra pensar.

Entre as dores resultantes de tal ruptura entre o pensamento do homem e o pensamento da terra – motivo para a crítica de Nietzsche à tendência da filosofia à antropomorfização do pensamento – está a própria incapacidade do homem de afirmar o devir e o acaso, de acolher os acontecimentos que escapam dos seus esforços de controle e planejamento. Os conceitos nietzscheanos de *amor fati*, *transfiguração* e *além do homem* são antídotos contra esse equívoco. Daí a proposta de afirmação do devir, do acontecimento e do eterno retorno como orientações para uma vida trágica – o contrário da vida dramática – expressos ostensiva ou subliminarmente nos escritos de Nietzsche sobre a sabedoria dionisíaca: “*O eterno e único devir, a total inconsistência de todo o real, que permanentemente apenas age e se torna, e não é, como ensina Heráclito, é uma noção terrível e atordoante, e na sua influência, muito aparentada com a qual alguém, durante um terremoto, perde a confiança na terra firme. Seria preciso uma força espantosa para traduzir esse efeito no seu contrário, no sublime e no espanto que nos dá felicidade.*”

Em sintonia com tais ideias de Nietzsche, Deleuze, por sua vez, propõe *querer o que acontece enquanto acontece*. Para tanto é necessário eliminar de todo desejo qualquer adesão a objetivos. Será preciso acatar a ideia nietzscheana de que a natureza não tem objetivos e realiza múltiplas coisas, e que o homem, ao estabelecer objetivos, realiza algo sempre diferente deles. Em sua radical antiteleologia, esse pensamento quer demonstrar

a falta de coincidência entre o que é o desejo, soberanamente vinculado ao devir, e as concepções humanas do desejo e suas vinculação com finalidades também demasiadamente humanas. O objetivo permanecerá insatisfeito porque, a cada nova investida, o desejo se dá conta de que não mirava exatamente o objetivo, mas buscava exatamente exercer-se como desejo, como movimento, como ímpeto.

Aliado à indisposição do homem para uma relação trágica com a vida – em que se afirmaria a potência da diferença e da adversidade – o hiperconsumo capitalista, sendo efeito das injunções do *socius* sobre o homem, interdita a percepção do caráter de ruptura – e não de continuidade – da relação entre desejo e gozo. O homem viciado em gozar – empanturrando-se de substâncias (entre elas comida e drogas, lícitas ou ilícitas), sexo, mercadorias, relacionamentos virtuais... – se ressent do desejo em si, preferiria não desejar a sentir as tensões de ser movido. Na tentativa de aplacar o mais rapidamente possível os incômodos do desejo, procura vias de descarga tensional, e desperdiça força vital desejante em estéreis fios-terra. O homem viciado em gozar pode muito bem ser, surpreendente e paradoxalmente, avesso ao desejo.

Daí a necessidade de rasurar! Rasurar como máquina de guerra, como produção de linhas de fuga de poderes que insistem em capturar e desativar a potência dos corpos. Sobre a primeira rasura que marca os corpos – aquela do acontecimento e do acaso – uma nova rasura como contraefetivação do acontecimento, como dispositivo para tornar-se digno do que acontece. Mas também, sobre a inscrição do poder sobre os corpos, uma nova rasura que escape da captura e da tortura – como na inspiradora imagem de Deleuze sobre os processos artísticos de Francis Bacon: *escapar e descer da cruz!* E, finalmente, rasura sobre o próprio devir e seu *pathos*: afirmar, e não recusar, a potência de querer o próprio aniquilamento, a finitude, a efemeridade; afirmar a potência contida no saber que vamos morrer.

Possível clínica da Esquizoanálise: como tornarmo-nos suficientemente plásticos, flexíveis, para dar conta da intensa fragmentação contemporânea das subjetividades, a ponto de chegarmos a desejar o próprio desequilíbrio: é a única maneira de se insistir no desejo. Como tornarmo-nos suficientemente trágicos – sem dramas – e capazes de afirmar as dores e os prazeres de um modo de vida que

se torna cada vez mais, necessariamente, fragmentário. Como fazer do fragmentário uma potência que procura avidamente por diferenças e deseja a finitude de tudo que se torna, expressando-se até mesmo na proposta da lógica do Acontecimento contra um modo de produzir subjetividades via sujeito, sentidos via significante, e registros como representações.

Segundo Nietzsche, um novo vigor é alcançado quando se percebe que todas as sensações da vida, até mesmo as mais dolorosas, estão justificadas pelo fato de se estar vivo, e não são, como nos querem fazer crer poderes terroristas, cruéis e sádicos os mais variados – religiosos, morais e também filosóficos – punição por pecados ou erros do pensamento e da moral. Contra as rasuras fascistas que insistem em impor códigos e leis que perturbam os corpos em sua relação com sua potência, rasuras contrafascistas fazem o levante, deliram sobre o sistema, criando oportunidades de enfrentamentos, afirmando transgressões e subversões. Alegro-me ou sofro porque estou vivo, e não porque pequei! Se a rasura é contrafascista, produz a tensão, a sensação, a ação direta sobre o sistema nervoso, desautorizando o sistema de representação capturante; o que Artaud considera o mais urgente – “*extraír , daquilo que se chama cultura, ideias cuja força viva é idêntica à da fome.*”

Como produzir para si um corpo *sem órgãos*? – pergunta deleuze-guattariana com inspiração em Artaud. Percebamos a potência de rasurar desse corpo-em-processo, infinitamente produzido em seus encontros, e que não é exatamente contra os órgãos, mas contra a *organização dos órgãos como organismo*; potência de rasurar e rediagramar a organicidade e seus poderes, de resgatar os corpos seqüestrados e torturados. Assim como a pintura coloca olhos, e a música, ouvidos por toda parte – assim também os poderes colonizadores do corpo serão depostos e invasões bárbaras sucederão. O caráter excessivo e espasmódico da sensação produzida derubará quaisquer fascismos – de Estado, de moral, de gênero, de hiperconsumo, de toda organicidade. Seguem algumas imagens de *corpos sem órgãos*:

.uma *composição* como *organização na iminência de se desagregar*;

.a linha bárbara ou gótica em sua geografia, que vai ao infinito, mantendo-se portadora de uma vitalidade não orgânica, em direção perpetuamente partida, quebrada e mutante;

.expressar a sensação: seria possível

pintar uma fruta que *sente* que apodrece? – a sensação como agente corporal de deformações e rasuras sobre o organismo.

Em íntima relação com o *corpo sem órgãos*, Guattari cria a bela ideia de *Caosmose*: a incessante articulação e trânsito entre dois pólos – *caos* e *cosmos* – e seus efeitos no universo.

Caos – lugar do inaudito, incognoscível, imponderável que, contudo, tem capacidade *pática*, que só pode ser sentido, no mais das vezes perturbadoramente, pelo homem; lugar também do inorgânico, das velocidades infinitas de (des)territorialização, da volatilidade máxima das formas; polo da efetuação do devir e do acaso nos corpos.

Cosmos – lugar da organicidade e do organismo, das formas e arranjos estáveis, das capacidades humanas de semiotização: na filosofia, ciência, arte, psicanálise, religião, mito, etc... Aqui aguardam virtualidades para a produção, pelo homem, de contraefetuações sobre as marcas do devir.

O mundo surge como efeito das atualizações do *cosmos* sobre o *caos*, e se renova ativado pelo devir acionado pelo *caos* sobre o *cosmos*. A passagem de um polo ao outro será feita pelo diagrama – conceito torcido por Deleuze de forma surpreendente para passar a significar o oposto da organização, que não é desorganização, mas processo de desagregação das formas – tendo como catalisador o *corpo sem órgãos*. As passagens dos territórios constituídos às desterritorializações são os próprios processos de rasura das figuras caducas, entre elas as que pedem máxima urgência de reconfiguração: sujeito, representação e significante. O diagrama e sua função de borragem, de produção da indeterminabilidade e indiscernibilidade situada entre duas formas figurativas, é a própria *máquina de guerra* para o movimento indicado pelo *corpo sem órgãos*. Com sua dupla característica de catástrofe da figura e também de germe de ordem, o *diagrama-rasura* promove a abertura de campos de sensibilidade. Como sugere Deleuze, “*agarrar o caos e tentar escapar dele*”; “*surgir da catástrofe*”.

Dois territórios merecem atenção especial pela necessidade premente de produção de uma nova *Caosmose*, de rasuras contrafascistas das suas formas instituídas: *trabalho* e *política*. O homem sente

que trabalho e política acontecem *a* ele, sensação que costuma vir acompanhada de outras como abatimento e submissão. Dado o empenho dos poderes do socius em separar os corpos do vigor dessas atividades, torna-se necessário o esforço de rediagramação. Todo encontro de forças produz política e trabalho, mas se o sistema da representatividade e de estoque produz alienação, substituindo uma pertinente relação do homem com a materialidade do mundo por hiperconsumo, como será possível ainda fazer *micropolíticas*? Como investir na capacidade do desejo de insistir impelindo, apesar do fascismo?

Em Mil Platôs, Deleuze e Guattari reforçam a necessidade de se rasurar o rosto – este equipamento de captura – como tática contrafascista. “Entretanto, se desfazer o rosto é um grande feito, é porque não é uma simples história de tiques, nem uma aventura de amador ou de esteta. Se o rosto é uma política, desfazer o rosto também o é, engajando devires reais, todo um devir clandestino. Desfazer o rosto é o mesmo que atravessar o muro do significante, sair do buraco negro da subjetividade. O programa, o slogan da esquizoanálise vem a ser este: procurem seus buracos negros e seus muros brancos, conheçam-nos, conheçam seus ros-

tos, de outro modo vocês não os desfarão, de outro modo não traçarão suas linhas de fuga.” (DELEUZE E GUATTARI, 1996, p. 58)

Para que uma *vontade de potência* possa chegar a substituir a *vontade de verdade* nos territórios da produção de subjetividade, fazendo germinar as cartografias não-decalcantes, o poeta Jorge Luis Borges produz a impressionante imagem:

“Naquele Império, a Arte da Cartografia logrou tal Perfeição que o mapa de uma única Província ocupava toda uma cidade, e o mapa do Império toda uma Província. Com o tempo, esses Mapas Desmedidos não satisfizeram, e os Colégios de Cartógrafos levantaram um mapa do Império que tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele. Menos Adictas ao estudo da Cartografia, as Gerações Seguintes entenderam que esse dilatado mapa era Inútil e não sem Impiedade o entregaram às Inclemências do Sol e dos Invernos. Nos desertos do Oeste perduram despedaçadas Ruínas do Mapa, habitadas por Animais e Mendigos; em todo o país não há outra relíquia das Disciplinas Geográficas.” (BORGES, *apud* MOSÉ, 2005, p. 227).

Bibliografia

- ARTAUD, Antonin. O teatro e seu duplo. São Paulo: Editora Max Limonad Ltda., 1987.
- DELEUZE, Gilles. Conversações. São Paulo: Editora 34, 1992.
- _____. Francis Bacon: Lógica da sensação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. O anti-édipo. São Paulo: Editora 34, 2010.
- _____. Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia. 2004. São Paulo: Editora 34, 1996. Vol. 3.
- GUATTARI, Félix. Caosmose. 2008. São Paulo: Editora 34, 1992.
- MOSÉ, Viviane. Nietzsche e a grande política da linguagem. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. A filosofia na era trágica dos gregos. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.
- SAFRANSKI, Rüdiger. Nietzsche – biografia de uma tragédia. São Paulo: Geração Editorial, 2005.